

# Resenha “45 anos”

Susana Muszkat<sup>1</sup>

---

O filme “45 anos” (2015), do roteirista, produtor e diretor inglês, Andrew Haigh, pode parecer, à primeira vista, um filme lento, tedioso, repetitivo. Isso se deve, a meu ver, exatamente pela maneira como o cineasta faz uso do elemento TEMPO em sua polissemia como significante no relacionamento de um casal, que tem como história que dá título ao filme a preparação da festa de celebração de seus 45 anos de casamento.

Temos aí um primeiro marcador de passagem do tempo, que carrega um sentido imaginário, podemos dizer, de estabilidade, intimidade, construção de experiências e vida afetiva compartilhadas, parceria. Uma rotina bem estabelecida, sem percalços significativos ou acontecimentos disruptivos vindos de um ou outro cônjuge. Ou seja, a confortável “previsibilidade” parece revelar uma dinâmica entre eles, de uma vida conjunta preenchida por alianças não exclusivamente conscientes – aliás, como em todos os relacionamentos. Mas disso ainda não sabemos a essa altura do filme, em que o que predomina são as cenas da pacata rotina desses 45 anos de vida comum. Como psicanalistas de casal, observaríamos essa dinâmica e poderíamos já suspeitar que tal estabilidade compartilhada estivesse a serviço de alguma aliança inconsciente ou pacto denegativo, como denomina Kaës (1989), em que uma espécie de congelamento do tempo poderá ter como função impedir a vivência da passagem do tempo, não fosse pela marca da celebração que se avizinha.

Kaës, citado por Pablo Castanho (2015), assim o descreve:

A especificidade deste pacto é que ele é constituído para assegurar as necessidades defensivas dos sujeitos quando estes formam um vínculo e para manter esse vínculo... Portanto, deve ser visto como uma modalidade de resolução de conflitos intrapsíquicos e de conflitos que atravessam uma configuração vincular. (p. 106)

---

1. Psicanalista, membro efetivo e docente da SBPSP, mestre em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP, autora do livro *Violência e Masculinidade* (2011), ed. Casa do Psicólogo, e coautora de *Violência Familiar* (2016), ed. Blucher, e de artigos e capítulos de livros sobre psicanálise de casal e família e questões de gênero.

O casal, Kate e Geoff Mercer, maravilhosamente interpretado pelos atores Charlotte Rampling e Tom Courtenay, rendeu a ambos premiações tais como Oscar de melhor atriz para Rampling, e ainda de melhor atriz e melhor ator para ela e ele no Festival de Berlim.

Assistimos a este casal idoso, aposentado, sem filhos por consenso entre ambos, sem fotos ou porta-retratos que marquem sua história pelas paredes da casa, novamente afirmada como uma decisão consensual, aparentemente sem outros familiares próximos, apenas o cão, ao qual Kate se dedica em passeios diários.

Há, ainda, um casal de amigos com quem mantém certa convivência, mas, ao longo dos diálogos, vamos tendo evidências de que as relações com outros são principalmente protocolares, em tons pastéis.

Vemos uma cena em que Kate, distraída em si mesma, se dá conta de ter completamente esquecido de que seu antigo aluno da escola, que diariamente lhe entrega os jornais, acabara de se tornar pai de gêmeos. Mais uma vez temos a impressão de que preferem manter-se numa existência separada, isolados, sustentados por um sentimento que nos vai sendo transmitido, de certa superioridade no que tange a temas da vida ordinária.

E é nesse tom que Kate se dedica, quase como um dever, sem revelar qualquer emoção maior, a algo que parece querer imprimir um caráter “menor”: a celebração do casamento, um ritual supérfluo, prescindindo de detalhes que pudessem lhe conferir mais emotividade.

Desse modo, assistimos, durante um tempo que parece arrastado, às cenas de uma vida calma, previsível, harmoniosa e realizada. O casal parece ter sido feito um para o outro – e talvez tenham sido, mas não da forma que pensam –, estão muito à vontade e confortáveis um com o outro, parecendo saber do que cada um gosta ou não gosta, não há conflitos aparentes – ou diferenças significativas. Poderíamos pensar em intimidade... ou, talvez, em aspectos congelados, evitando a percepção de diferenças, elementos potencialmente perturbadores. É um tempo suspenso.

Parecem ter alcançado uma desejada estabilidade em que tudo está absolutamente no lugar e nada os vai perturbar. Mas o filme é extraordinário exatamente por nos fazer surpreender pelo inesperado, àquilo a qual todas as relações íntimas estão sujeitas. Relações de intimidade, em que o espaço para as singularidades se constrói lentamente. Em que o outro não é redutível a um objeto do meu conhecimento, mas é antes uma alteridade que introduz novidades que têm como efeito vivências de descontinuidade (Puget, 2015). O “princípio da incerteza”, propõe a autora, é a certeza da presença do inesperado nos víncu-

los de intimidade, disruptiva da ilusão de continuidade e estabilidade ao qual este casal parece ter se dedicado a manter.

Assim, sem maior estardalhaço, sentados calmamente à mesa como de costume, surge a notícia, o disruptivo, por meio de um telegrama: o aquecimento global movera os glaciares, e a então namorada de Geoff, Katya, que estivera submersa e congelada entre dois glaciares por mais de 45 anos, se descongela, ressurgindo à superfície com exatamente a mesma idade em que fora congelada ao cair, quando de uma excursão que fizera com Geoff na juventude. O mal-estar vai progressivamente se instalando entre eles, tal qual o descongelamento, ao ser introduzido no interior desse casal uma história anterior, não compartilhada, não completamente sabida, de uma Katya (quase homônima de Kate), jovem e grávida, com quem Geoff teria tido outra vida, caso ela não tivesse tido tal destino dramático.

O descongelamento dos glaciares obriga-os a um descongelamento de seus pactos idealizados sobre quem são, acerca de um mito de origem de ambos, e sobre o que Kate imaginara serem desejos compartilhados. Ela sente perder suas referências identitárias construídas a partir deste casamento, duvidando de tudo em que acreditara, tomada por vivências paranoides, sente-se sozinha.

A dor de Kate, dentre tantas que não nos é dado esgotar, é a de perceber que há um Geoff que ela não conhece, alguém que teria tido e teria desejado um filho em outro relacionamento, que congelara um luto por sua antiga namorada e por um filho não nascido. Traduz esse acontecimento como sinal de falta de amor da parte dele. Como se o casamento deles e tudo o que ela sempre acreditara ser compartilhado por ambos até aquele momento corresse risco de se esfacelar em mera ilusão, numa mentira. É uma experiência terrivelmente dolorosa, obrigando-a a reformular suas certezas, seus alicerces emocionais e subjetivos. Implica um profundo processo de luto, possivelmente atualizando lutos anteriores não inteiramente metabolizados.

A partir daí o filme toma novo rumo, o casal já não funciona em unísono, mas vemos sujeitos singulares vivendo dramas distintos, buscas individuais, no interior do casamento que lhes dá, ainda assim, contornos.

Em 1914, Freud escreve no seu ensaio "Sobre o narcisismo", que o ideal do ego é o que o indivíduo procura na tentativa de recuperar o seu ego ideal há muito perdido, momento mítico de realização com a mãe da sua infância. Muito antes disso, Platão descreve como os amantes, tendo sido divididos em dois, procuram sua cara metade a fim de tornarem-se um só. O desejo da vivência de completude, de semelhança, de fazer parte do mesmo, apaixonar-se, é o que marca as relações modernas e contemporâneas. A procura desse outro que, ao

partilhar a sua vida, fará, ainda que de forma fantasiada, com que o casal se torne um e não dois. Esta é a ilusão que pode ser confundida com intimidade.

É a ilusão de ter a mesma ilusão.

Gostaria de pensar que, neste filme, o realizador, lentamente, através do descongelamento dos pedaços das histórias, desencadeado pelo telegrama da namorada descongelada e pela potencial vida passada não acontecida, obriga-os a outro casamento, outro tipo de relacionamento, e esse vai se dando enquanto, como pano de fundo, Kate prossegue de forma mecânica com os preparativos, e o espectador fica em estado de suspense em relação a se haverá a celebração ou o rompimento deste novo casamento que se dá a conhecer.

Numa nota que me pareceu mais otimista do diretor, este abre, juntamente com a crise, o ineditismo não apenas da perda e do luto, mas também de elementos de vida que ambos haviam eliminado de seus cotidianos: partituras de piano para Kate, observação de pássaros para Geoff.

Agora são pessoas diferentes e este é um casamento diferente. O que farão com isso não sabemos, o tempo dirá. Mas está vivo, não mais congelado.

## Referências

- Castanho, P. (2015). O conceito de alianças inconscientes como fundamento para o trabalho vincular em psicanálise. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(2), 92-112.
- Freud, S. (1994). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XIV. Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Kaës, R. (1989). El pacto denegativo em los conjuntos transobjetivos. In M. Meissenard (Org.), *Lo negativo: figuras y modalidades*. Amorrortu.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas*. Lugar editorial.

Recebido: 03/05/2023

Aceito: 25/05/2023

---

**Susana Muszkat**

sumuszkat@gmail.com